

VULNERABILIDADE EM INFORMAÇÃO E MÃES SOLO: POSSIBILIDADES À COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Simoni de Sousa Kuhnen¹

Elizete Vieira Vitorino²

Resumo: Esta pesquisa, de cunho qualitativo, bibliográfico e documental, visa apresentar e conceituar a vulnerabilidade em informação no âmbito da competência em informação, com foco na categoria “mãe solo”, conceituando as mães que compõem esse grupo, e buscando associar suas vivências e falas com a competência em informação e as dimensões técnica, estética, ética e política. O objetivo geral da pesquisa, assim, consiste em investigar as conexões da vulnerabilidade em informação e da competência em informação das mulheres que são chefes de família, provedoras do lar, profissionais que trabalham fora que criam e educam seus filhos sozinhas. Os objetivos específicos consistem em: a) caracterizar, segundo a literatura, a competência em informação e as dimensões técnica, estética, ética e política; b) conceitualizar, segundo a literatura e documentos institucionais, a vulnerabilidade social e a vulnerabilidade em informação; c) apresentar, segundo a literatura e documentos institucionais, o significado e as características da categoria “mães solo”; e, d) justificar a importância do desenvolvimento da competência em informação, segundo as dimensões técnica, estética, ética e política dirigida a este grupo de mulheres. Compreendemos que estudar esse assunto torna-se relevante não somente pelo caráter da vulnerabilidade social, mas sobre o potencial que o desenvolvimento da competência em informação para com as mães solo. Com esta pesquisa, buscou-se alguns elementos que permitem identificar as dimensões da competência em informação nas falas destas mulheres, usando, para isto, o conteúdo disponibilizado no “Projeto Solo”, relativo às falas da vivência de algumas mães deste grupo, considerado, quanto aos conceitos de vulnerabilidade social, como um grupo vulnerável. Nas falas, foi possível reconhecer a vulnerabilidade em informação, mas também a resiliência destas, mostrando que as pessoas se superam o tempo todo para acessar e buscar informações, para que assim, possam se tornar sujeitas-protagonistas de sua existência no contexto social em que se encontram.

Palavras-chave: Vulnerabilidade social. Vulnerabilidade em informação. Mães solo. Competência em informação.

¹ Aluna do Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso exigido como requisito parcial para aprovação na disciplina. E-mail: simonymiza@gmail.com.

² Orientadora e Professora Dra. do Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: elizete.vitorino@ufsc.br.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a temática da vulnerabilidade social tem sido utilizada mundialmente por pesquisadores, gestores e elaboradores de políticas sociais, para a ampliação do entendimento da pobreza, numa perspectiva complementar àquela da insuficiência de renda. Tanto a noção de exclusão quanto a de vulnerabilidade social são noções de cunho político que possibilitam novas interpretações sobre os processos de desenvolvimento social. (BRASIL, 2015, p. 12).

Nesta perspectiva, nosso objeto de estudo se conecta à vulnerabilidade social e, em específico, está caracterizada como uma população vulnerável, representada pelas mulheres que são mães solo.

Dito isto, aponta-se que o total das famílias brasileiras aumentou 39% em 15 anos, passando de 51,5 milhões em 2001 para 71,3 milhões em 2015. (CAVENAGHI; ALVES, 2018, p. 97). Aumentou também o número de famílias chefiadas somente pela mulher: “[...] de 2010 a 2015 o Brasil ganhou 1,1 milhão de famílias compostas por mães sem cônjuge nos últimos dez anos, passando, de 10,5 milhões em 2010 para 11,6 milhões em 2015” (BRASIL, 2018). Essas mães são vulneráveis financeiramente, emocionalmente, e, por consequência, são vulneráveis também em informação. A maior parte delas desconhecem quais são seus direitos e os de seus filhos, e, portanto, não sabem como lutar por eles, segundo dados da Associação dos Notários e Registradores do Brasil (ANOREG/BR, 2021). Um destes direitos básicos, por exemplo, consiste em que toda criança deveria ter o nome do genitor na certidão de nascimento.

De acordo com a Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (ARPEN BRASIL, 2021), cerca de 5,5 milhões de crianças no país não possuem o nome do pai registrado na certidão de nascimento. Quanto ao “[...] documento em si, os primeiros reflexos costumam ocorrer quando a criança atinge a idade escolar. Já a falta da presença paterna pode trazer sequelas emocionais severas e permanentes.” (ARPEN BRASIL, 2021, s.p.), e ainda se ressalta que aqueles “[...] que não tiveram esse contato podem desenvolver complexos de inferioridade e baixa autoestima, por se sentirem rejeitados”. (ARPEN BRASIL, 2021, s.p.). Além disso, a criança que nunca conheceu o pai sente essa falta de convívio de uma maneira diferente daquela que chegou a ter

algum contato, onde “[...] o vínculo de memória pode deixar a pessoa presa naquelas lembranças e é preciso trabalhar os aspectos psicológicos.” (ARPEN BRASIL, 2021, s.p.).

Contudo, e de acordo com a Arpen Brasil (2021), desde 2012, o procedimento para reconhecimento de paternidade se tornou mais simples e fácil no País. Ao ser feito diretamente nos Cartórios de Registro Civil, sem a necessidade de procedimento judicial, possibilitou uma diminuição de quase 110 mil registros antes feitos somente em nome da mãe. A Arpen Brasil (2021), afirma que, no entanto, há quatro anos, o percentual de crianças com apenas o nome da mãe na certidão de nascimento voltou a subir, crescendo para 5,5% em 2018, 5,9% em 2019, 6% em 2020 e 6,3% em 2021.

A respeito disso, o presidente da Arpen, Gustavo Fiscarelli, afirma que

[...] não é possível precisar motivos para a alta no registro sem o nome paterno e a queda nos reconhecimentos. Contudo, acredita-se que a pandemia do novo coronavírus pode ter acentuado este cenário. Por mais que saibamos que o registro de paternidade é gratuito no caso de o pai ser biológico, podemos pensar em inúmeras justificativas para a nova queda. O distanciamento devido à pandemia, supondo que os casais não vivam juntos, ou mesmo o fim das relações durante a gestação, que se acentuaram com a pandemia, podem ser algumas das explicações. (ARPEN BRASIL, 2021, s.p.).

Ter o nome do progenitor na certidão de nascimento é um direito garantido por lei. De acordo com o Art. 1º da lei nº 8.560, de 29 de dezembro de 1992, “O reconhecimento dos filhos havidos fora do casamento é irrevogável e será feito”. (BRASIL, 1992). Mais do que, simplesmente, ter o nome do genitor no documento, trata-se de um direito da criança, que garante pensão alimentícia, herança, inclusão em plano de saúde, previdência, entre outros benefícios (ANOREG/BR 2021). Assim, a realidade das mães solo – isto é, aquelas cujos filhos foram negligenciados e abandonados de todas as formas pelos pais – é de intensa desigualdade, vulnerabilidade e sobrecarga.

Diante disso, consideramos que o desenvolvimento da competência em informação pode desempenhar um diferencial importante na vida dessas mães, fazendo com que elas desenvolvam habilidades necessárias para buscar e acessar as informações de que necessitam, minimizando, assim, a vulnerabilidade social e a vulnerabilidade em informação. Portanto, se aprofundar na associação dessas temáticas torna-se relevante e oportuno, não

somente pelo caráter da vulnerabilidade social, mas sobre o potencial que o desenvolvimento da competência em informação das mães solo pode representar para suas vidas.

Assim sendo, o objetivo geral da pesquisa consiste em **investigar as conexões da vulnerabilidade em informação e da competência em informação das mães solo**, ou seja, as mulheres que são chefes de família, provedoras do lar, além de profissionais que trabalham fora de casa e que criam e educam seus filhos sozinhas. Os objetivos específicos consistem em:

- a) Caracterizar, segundo a literatura, a competência em informação e as dimensões técnica, estética, ética e política;
- b) Conceitualizar, segundo a literatura e documentos institucionais, a vulnerabilidade social e a vulnerabilidade em informação;
- c) Apresentar, segundo a literatura e documentos institucionais, o significado e as características da categoria “mães solo”;
- d) Justificar a importância do desenvolvimento da competência em informação, segundo as dimensões técnica, estética, ética e política dirigida a este grupo de mulheres.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho, nos propomos à realização de uma breve pesquisa bibliográfica e documental que nos possibilitou o registro e a reflexão acerca da vulnerabilidade social, e sobre o desenvolvimento da competência em informação nas dimensões técnica, estética e política das mães solo.

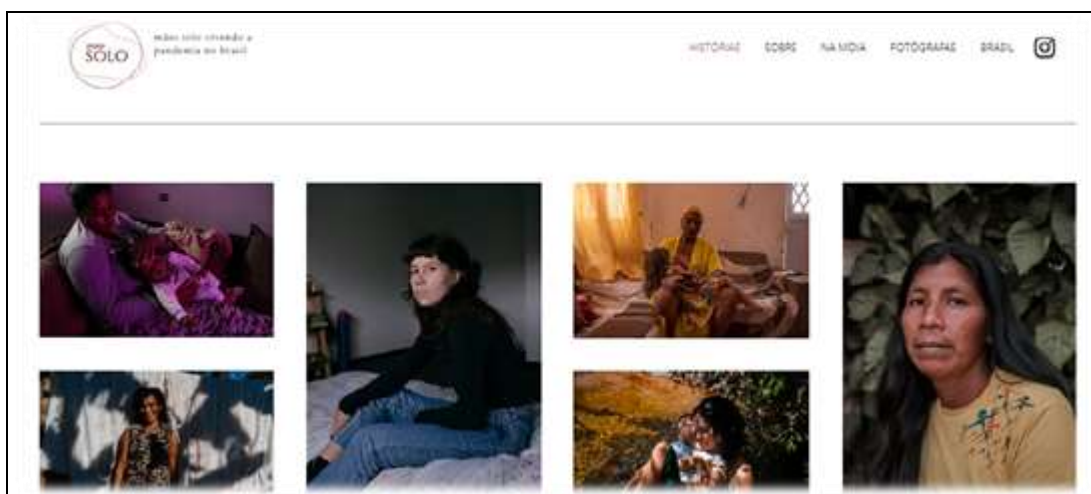
Trata-se de um trabalho de abordagem qualitativa, pois apresenta “vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20)

É, também, uma pesquisa bibliográfica, pois segundo Menezes (2009, p. 17) “quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos, e atualmente, com material disponibilizado na internet”. Também está caracterizada por uma pesquisa documental. Para Menezes (2009) é assim definida, quando é elaborada a partir

de materiais que ainda não receberam tratamento. Para atender aos objetivos referentes à pesquisa bibliográfica documental, recorreu-se às produções científicas e documentos institucionais. Após a escolha do tema, foram realizadas buscas nas bases de dados BRAPCI, SciELO e BDTD, usando palavras-chave relacionadas ao tema escolhido para a revisão bibliográfica e aos conceitos dos assuntos a serem abordados neste trabalho.

Para atender aos objetivos da pesquisa e utilizar de amostra das falas de mães solo, utilizou-se como base o Projeto Solo, que tem como foco as mães solo vivendo a pandemia no Brasil (PROJETO SOLO, 2020) – ver figura 1.

Figura 1 – Projeto Solo



FONTE: Projeto solo (2020)

O “Projeto Solo, mães solo vivendo a pandemia no Brasil”, foi apoiado em 2020 pelo *Emergency Fund for Journalists*, da *National Geographic Society*. O projeto foi idealizado por sete fotógrafas de diversas partes do país, que se juntaram para contar histórias de mulheres mães de várias regiões do Brasil, contando com mulheres de diferentes idades, classe social, escolaridade, religião, mas que fazem parte do mesmo contexto de mães solo.

Por conseguinte, e a partir desse contexto, foram identificadas as falas de algumas mães solo e, a partir destas, foram extraídos alguns recortes que se conectavam às dimensões da competência em informação e, por fim, foram sugeridos elementos para o desenvolvimento da competência em informação, segundo as dimensões técnica, estética, ética e política.

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E SUAS DIMENSÕES

A competência em informação surgiu na década de 1970, apresentada pelo bibliotecário Paul Zurkowski, que recomendou em seu relatório intitulado *The information service environment relationships and priorities*, que se iniciasse um movimento nacional, nos EUA, em direção à *information literacy*, no intuito de capacitar os profissionais para o uso dos recursos informacionais para resolução de problemas no âmbito profissional (DUDZIAK, 2003, p. 23).

Desde então, a competência em informação tem sido amplamente estudada em todo o mundo e, um dos mais recentes conceitos para a competência em informação foi apresentada pela *Association of College and Research Libraries* (ACRL), divisão de bibliotecas universitárias da *American Library Association* (ALA), que a define como um

conjunto de habilidades integradas que abrangem a descoberta reflexiva da informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada e o uso da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética em comunidades de aprendizagem (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES, 2016, p. 8).

Vitorino e Piantola (2020), afirmam que a competência em informação é inseparável da ação. Para as autoras, a competência consiste no “conjunto de conhecimentos, qualidades, capacidades e aptidões que habilitam para a discussão, a consulta, a decisão de tudo o que concerne o trabalho”, e isto pressupõe “conhecimentos fundamentados, acompanhados das qualidades e da capacidade que permitem executar as decisões.” (VITORINO; PIANTOLA, 2020, p.132).

Para Dudziak (2003, p. 29) pessoas competentes em informação são aquelas que

assumem a responsabilidade por seu próprio aprendizado; são capazes de aprender a partir dos recursos informacionais disponíveis; procuram a informação de que necessitam para a resolução de seus problemas ou tomadas de decisão, mantendo redes interpessoais de relacionamento; mantêm-se atualizados; assumem atitude proativa de aprendizado. Aprendam ao longo da vida uma vez que: assumem o aprendizado como um contínuo em suas vidas; internalizam valores que promovem o uso da informação como criação de significado para

suas vidas; incorporam os processos investigativos à sua vida diária; estão sempre dispostos a vencer desafios. (DUDZIAK, 2003, p. 29).

Jesús Lau (2008, p. 1) complementa que “para ser uma pessoa competente em informação, deve saber como se beneficiar do mundo de conhecimentos e incorporar a experiência de outros em seu próprio acervo de conhecimentos”. E enfatiza:

O desenvolvimento de habilidades em informação é o conhecimento e habilidades necessárias a fim de identificar corretamente a informação pertinente para realizar uma atividade específica ou resolver um problema, realizar uma busca de informação eficiente quanto ao custo, organizar ou reorganizar a informação, interpretá-la ou analisá-la uma vez que a encontrou e foi recuperada (como por exemplo, quando foi encontrada na internet), avaliar a exatidão e confiabilidade da informação (incluindo o reconhecimento ético das fontes de onde foi obtida a informação), comunicar e apresentar os resultados da análise e interpretação a outros (se é necessário) e, finalmente, utilizá-la para a execução de ações e obtenção de resultados. (LAU, 2008, p. 17).

Já segundo Vitorino e Piantola (2020), podemos identificar quatro dimensões na competência em informação que se completam mutuamente: **dimensão técnica, dimensão estética, dimensão ética e dimensão política**. Conforme Vitorino e De Lucca (2020), as dimensões são baseadas em habilidades genéricas, habilidades de informação, valores e crenças, que serão afetadas de acordo com contextos específicos. O quadro 1 apresenta, nesse sentido, as quatro dimensões da competência em informação e seus respectivos conceitos.

Quadro 1 - Dimensões da competência em informação

Dimensões	Conceitos
Dimensão Técnica	Meio de ação no contexto da informação; consiste nas habilidades adquiridas para encontrar, avaliar e usar a informação de que precisamos. Ligada à ideia de que o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as novas tecnologias.

Dimensão Estética	Criatividade sensível; capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar e ressignificar a informação; experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo
Dimensão Ética	Uso responsável da informação; visa à realização do bem comum; relaciona-se a questões de apropriação e uso da informação, tais como propriedade intelectual, direitos autorais e acesso à informação
Dimensão Política	Exercício da cidadania; participação dos indivíduos nas decisões e nas transformações referentes à vida social; capacidade de ver além da superfície do discurso. Considera que a informação é produzida a partir de (e em) um contexto específico.

Fonte: Vitorino e Piantola (2020)

Além disso, tais dimensões, segundo Vitorino e De Lucca (2020), conferem equilíbrio e tendem a favorecer o desenvolvimento da competência em informação às pessoas, principalmente para as que se encontram em situação de vulnerabilidade social – tal como as mães solo.

4 VULNERABILIDADE SOCIAL E EM INFORMAÇÃO

4.1 Vulnerabilidade social: conceitos e características

De acordo com Vitorino (2018), “todas as pessoas são vulneráveis em algum momento”. Como, por exemplo, uma criança que muitas das vezes necessita ficar ao cuidado de outros para que seus pais possam seguir com sua vida profissional, estas crianças podem ficar mais vulneráveis às pessoas que foram designadas para lhes cuidar. Poderíamos elencar aqui vários outros exemplos sobre pessoas vulneráveis, mas vamos agora analisar os conceitos e características da vulnerabilidade.

Ao pesquisar sobre vulnerabilidade, encontramos 20 sinônimos para a palavra vulnerável, que, de acordo com Neves (2017), são estes: **frágil, indefeso, exposto, desprotegido, desamparado, suscetível, magoável, atacável, descoberto, desabrigado, vulnerabilizado, destrutível, destruível, debilitável, derrotável, predicável, acometível, desarmado, desvalido, indefenso.**

Se pararmos para analisar esses sinônimos, é bem provável que algum deles nos leve a refletir que nós conhecemos alguém em estado de vulnerabilidade ou nós mesmos já estivemos vulneráveis em algum momento.

Derivada do latim *vulnerare*, que significa ferir, lesar e prejudicar, a palavra vulnerabilidade é bastante usada nas áreas da Saúde e no Serviço Social, já que diz respeito ao estado de ser e estar em perigo das pessoas. (NEVES, 2017). Para Carmo e Guizardi (2018, p. 2), “a concepção de vulnerabilidade denota a multideterminação de sua gênese não estritamente condicionada à ausência ou precariedade no acesso à renda, mas atrelada também às fragilidades de vínculos afetivo relacionais e desigualdade de acesso a bens e serviços públicos”.

Conforme embasamento trazido pelas autoras Carmo e Guizardi (2018), podemos dizer que a vulnerabilidade vai muito além do quanto um indivíduo tem ou não recursos financeiros. À vista disso, o conceito de vulnerabilidade social não é, necessariamente, sinônimo de pobreza, mas, sim, caracteriza uma condição de fragilidade que determinado grupo está sujeito. Logo, é quase impossível falar em vulnerabilidade sem adentrarmos na vulnerabilidade social. No Brasil e no mundo, existem muitas pessoas que se encontram socialmente vulneráveis.

Segundo Vitorino (2018), a vulnerabilidade social se constitui por pessoas e, também, por lugares, os quais estão expostos à exclusão social (famílias, indivíduos sozinhos), e, além disso, é um termo geralmente associado à pobreza – seja ela material, social ou de informação. As pessoas ou grupos que estão na condição de vulnerabilidade social não têm voz ativa, ou dependem de favores de outros e são incapazes “de tomar decisões sobre os próprios interesses” (VITORINO, 2018, p. 78).

Para sabermos se uma pessoa e/ou grupo social são considerados vulneráveis, o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) foi criado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), contendo dezesseis indicadores estruturados em três dimensões que apresentam as condições de vulnerabilidade nas diversas escalas do território brasileiro, revelando as diferenças nas condições de vida no país (BRASIL, 2015)

Segundo o IPEA (BRASIL, 2015), essas dimensões correspondem a conjuntos de ativos, recursos ou estruturas, cujo acesso, ausência ou

insuficiência indicam que o padrão de vida das famílias encontra-se baixo, sugerindo, no limite, o não acesso e a não observância dos direitos sociais. As dimensões do IVS, segundo o IPEA (BRASIL, 2015), se configuram em: **Infraestrutura Urbana; Capital Humano; Renda e Trabalho**, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 - Dimensões do índice de vulnerabilidade social

Dimensões do IVS	Características do IVS	Indicadores do IVS
IVS 1 - Infraestrutura Urbana	Procura refletir as condições de acesso aos serviços de saneamento básico e de mobilidade urbana, dois aspectos relacionados ao lugar de domicílio das pessoas e que impactam significativamente seu bem-estar.	<p>Percentual de pessoas em domicílios com abastecimento de água e esgotamento sanitário inadequados.</p> <p>Percentual da população que vive em domicílios urbanos sem serviço de coleta de lixo.</p> <p>Percentual de pessoas que vivem em domicílios com renda per capita inferior a meio salário mínimo e que gastam mais de uma hora até o trabalho no total de pessoas ocupadas, vulneráveis e que retornam diariamente do trabalho.</p>
IVS 2 - Capital Humano	O subíndice referente a capital humano envolve dois aspectos (ou ativos e estruturas) que determinam as perspectivas (atuais e futuras) de inclusão social dos indivíduos: saúde e educação.	<p>Mortalidade até um ano de idade.</p> <p>Percentual de crianças de 0 a 5 anos que não frequentam a escola.</p> <p>Percentual de pessoas de 6 a 14 anos que não frequentam a escola.</p> <p>Percentual de mulheres de 10 a 17 anos de idade que tiveram filhos.</p> <p>Percentual de mães chefes de família, sem fundamental completo e com pelo menos um filho menor de 15 anos de idade, no total de mães chefes de família.</p> <p>Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade.</p> <p>Percentual de crianças que vivem em domicílios em que nenhum dos moradores tem o ensino fundamental completo.</p> <p>Percentual de pessoas de 15 a 24 anos que não estudam, não trabalham e possuem renda domiciliar per capita igual ou inferior a meio salário mínimo (2010), na população total dessa faixa etária.</p>

Dimensões do IVS	Características do IVS	Indicadores do IVS
IVS 3 - Renda e Trabalho	A vulnerabilidade de renda e trabalho, medida por este subíndice, agrupa não só indicadores relativos à insuficiência de renda presente (percentual de domicílios com renda domiciliar per capita igual ou inferior a meio salário mínimo de 2010), mas incorpora outros fatores que, associados ao fluxo de renda, configuram um estado de insegurança de renda: a desocupação de adultos; a ocupação informal de adultos pouco escolarizados; a dependência com relação à renda de pessoas idosas; assim como a presença de trabalho infantil.	<p>Proporção de pessoas com renda domiciliar per capita igual ou inferior a meio salário mínimo.</p> <p>Taxa de desocupação da população de 18 anos ou mais de idade.</p> <p>Percentual de pessoas de 18 anos ou mais sem fundamental completo e em ocupação informal.</p> <p>Percentual de pessoas em domicílios com renda per capita inferior a meio salário mínimo (de 2010) e dependentes de idosos</p> <p>Taxa de atividade das pessoas de 10 a 14 anos de idade.</p>

Fonte: Adaptado de IPEA (BRASIL, 2015)

Em relação a isso, Vitorino (2018, p. 78), aponta como uma das principais características da vulnerabilidade “a capacidade ou liberdade limitada” das pessoas e/ou grupos sociais. Vitorino (2018, p. 79), nesse sentido, também salienta as características da vulnerabilidade, conforme ilustra o quadro 3.

Quadro 3 - Características da vulnerabilidade

Características da vulnerabilidade
Um estado de dependência (estar “à mercê” de alguém)
Estados de susceptibilidade a danos, impotência e marginalidade de sistemas físicos e sociais
Formas de exclusão social, traumas e crises em diferentes pontos da vida (BECKETT, 2006 apud FAWCET, 2009)
Incapacidade para tomar decisões sobre seus próprios interesses
Substantivo que caracteriza aquele ou aquilo que está suscetível ao ataque físico ou emocional ou a danos
Sentimento de fragilidade
Estado ou sentimento de solidão
Uma capacidade ou liberdade limitada
Estado ou situação de risco

Fonte: Vitorino (2018)

Agora que fomos apresentados às características da vulnerabilidade, se faz necessário saber o que é um grupo vulnerável e quais indivíduos compõem

o grupo de pessoas vulneráveis (ver quadro 4), isto é, as chamadas “minorias”, seja por motivo diverso, em acesso, participação e/ou oportunidade dificultada ou até mesmo vetada a bens e serviços disponíveis para a população, e sofrem, por conta desse fato, os efeitos da exclusão. (VITORINO, 2018).

Quadro 4 - Grupos Vulneráveis

Grupos vulneráveis
Sem-teto, imigrantes, nômades, refugiados ou pessoas deslocadas
Pessoas com diagnóstico de doenças mentais
Pessoas idosas e/ou com demência e residentes em asilos (principalmente mulheres idosas)
Pessoas com deficiência
Pessoas doentes de modo geral
Minorias raciais (jovens negros, por exemplo)
Prisioneiros
Membros de comunidades sem conhecimento (MACKLIN, 2004)
Pessoas que recebem benefícios da seguridade ou assistência social
Pessoas pobres, desempregadas ou em desvantagem econômica
Membros subordinados de grupos hierárquicos como militares ou estudantes
Pacientes em salas de emergência
Minorias étnicas (comunidades quilombolas, por exemplo)
Povos indígenas
Pessoas com fragilidade quanto a direitos humanos e pessoas em perigo

Fonte: Vitorino (2018)

Estamos inseridos em um mundo em que a vulnerabilidade faz parte e, por vezes, é predominante em nossa existência. Vários fatores contribuem para que uma pessoa seja vulnerável em algum momento de sua existência. Diante disso, podemos refletir que somos vulneráveis desde o nosso nascimento.

No âmbito da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, podemos refletir que as pessoas podem se tornar vulneráveis em informação em algum momento. [...] “Podemos compreender que há, no cerne da vulnerabilidade nos diferentes contextos, uma dimensão informacional” [...] (PAIANO *et al.*, 2017, p.83)

A vulnerabilidade social e a vulnerabilidade em informação podem estar relacionadas, ou seja, podemos dizer que um indivíduo vulnerável socialmente também se encontra vulnerável em informação. O acesso à informação é um

direito humano básico, e contribui para inclusão social das pessoas, conforme pontua a IFLA (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY..., 2005), neste sentido, faz-se necessário que as pessoas desenvolvam às habilidades necessárias para que se torne um cidadão competente em informação.

Acredita-se que a vulnerabilidade social e a vulnerabilidade em informação possuem uma relação estreita, podendo-se dizer que um indivíduo vulnerável socialmente também é um ser vulnerável em informação, necessitando de acesso à informação de qualidade, e para isso, se faz necessário que essa pessoa desenvolva as habilidades necessárias para que se torne um cidadão competente em informação. (VITORINO, 2018).

Estamos imersos num mundo atual no qual a informação, diante de sua importância, deu nome à era em que vivemos: Sociedade da Informação e do Conhecimento. Temos então mais facilidade ao acesso e à disseminação da informação e possibilidade de maior interação virtual entre as pessoas.

Hoje, com o respaldo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) podemos fazer uso da informação para cunho pessoal, profissional e de lazer, ascender socialmente por meio do acesso ao conhecimento, tomar consciência de nossos direitos e deveres e, ainda, favorecer o nosso cotidiano por meio das facilidades colocadas na era da informação. Dentro desse contexto, podemos refletir também que diante dessa gama de informação que nos bombardeiam todos os dias, ficou mais difícil encontrar informações de que realmente necessitamos e muitas pessoas hoje em dia acabam por se tornar vulneráveis em informação, pois não sabem como buscar uma informação confiável, segura e de qualidade. (PAIANO *et al.*, 2017).

Em vista disso, a questão da vulnerabilidade social está presente no contexto da competência em informação na perspectiva do ambiente informacional desenfreado e controverso. Vulnerável torna-se, então, o usuário que não sabe lidar com a quantidade de informação disponível, que não tem capacidade de reconhecer informação de qualidade e que não tem compreensão da importância da informação adquirida e disseminada. (PAIANO *et al.*, 2017, p. 97).

Para Vitorino (2018, p. 82), “a vulnerabilidade em informação é um estado de susceptibilidade a danos causados às pessoas por excesso de exposição à informação ou falta de acesso à informação [...], devido à ausência de resiliência

no que concerne [às] dimensões técnica, estética, ética e política da competência em informação”. A falta de informação pode trazer inúmeras consequências prejudiciais ao ser humano, pois sem informação correta, o indivíduo perece por falta de conhecimento. (PAIANO *et al.*, 2017, p. 81).

5 MÃES SOLO: CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

Historicamente e socialmente falando, era entendido que a única forma de constituir família era através do matrimônio, ou seja, uma mulher só deveria ter filhos se fosse casada. Caso uma mulher viesse a engravidar sem estar casada, estaria fora do que a sociedade esperava dela como mulher. Muitas vezes, a própria família as repudiava, sendo considerada “uma má companhia para as demais mulheres e uma vergonha para a família”. O único tipo de família aceitável pela sociedade era a conjuntura da “família tradicional” composta pelo pai, mãe e seus descendentes.

Segundo Borges (2020), a sociedade patriarcal passou a se referir às mulheres que tinham filhos, mas não estavam inseridas em um matrimônio como **mães solteiras**:

Durante muito tempo o termo utilizado para as mulheres com filhos (as) que não estavam inseridas em um relacionamento conjugal era “mãe solteira”, posto que para a sociedade a conjugalidade era um fator essencial para que as mulheres pudessem se tornar mães. O termo “mães solteiras”, como eram conhecidas as mães solo, carrega o forte resquício da sociedade machista e patriarcal do século XX, em que a mulher – sobretudo à mulher casada – possuía seus direitos civis, sexuais e reprodutivos reduzidos e em sua maioria submetidos à vontade do marido. (BORGES, 2020, p. 1-3).

Nas palavras de Carvalho (2020), o termo “mãe solteira” é totalmente carregado de termos depreciativos. Primeiro, não existe mãe casada, mãe divorciada ou mãe viúva. Ser solteira, logo, é um estado civil, que pode ou não ser conjugado com ser mãe. É um termo pejorativo, que leva a entender que a mulher é mãe, mas não é casada (CARVALHO, 2020).

Para Carvalho (2020), o termo mãe solo veio na tentativa de substituir a errada terminologia “mãe solteira”. Há quem use também mãe autônoma. Esses

termos de fato remetem que a mãe é a única responsável pelos cuidados dos filhos, sem ter um companheiro que divida essas tarefas e sem aludir ao estado civil dessa mãe. Assim, pode-se ver mulheres casadas que acabam sendo mães solo, cujos companheiros não assumem funções. O papel de mãe solo reflete unicamente ao fato de que essa mulher exerce a parentalidade sozinha, independente do estado civil dela; assim como existem mulheres solteiras que têm seus filhos e não são mãe solo, no sentido de que o pai da criança divide as funções com essa mulher. (CARVALHO, 2020). O quadro 5 caracteriza, assim, o grupo de mães solo.

Quadro 5 - Grupo das mães solo

Mães que geram seus filhos por inseminação artificial, por exemplo, utilizando um espermatozóide de um homem anônimo para a concepção;
Aquelas que engravidaram e sabiam a partir do momento que escolheram ter o bebê, que estariam por conta própria nessa criação;
Mães que adotaram uma criança e que optaram por se ocupar desse exercício sem a ajuda de um companheiro ou companheira;
Mães que estavam casadas ou se relacionando com o pai da criança quando engravidaram, mas por conta da separação, viram-se inteiramente a sós para viver a maternidade;
Aquelas cujo companheiro não assume a criança e se abstém de qualquer contato familiar- ou então abandonou a família após o nascimento da criança;
Mães que criam os filhos sozinhas por conta do óbito do parceiro.

Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Conforme as características da vulnerabilidade social, podemos considerar que pessoas ou grupos vulneráveis são aqueles que estão em uma situação de risco, de perigo, vulneráveis em alguma situação. Nesse rol, compreendemos que as mães solo se configuram em grupo de pessoas em vulnerabilidade social.

6 DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO PARA MÃES SOLO: EM FOCO AS DIMENSÕES TÉCNICA, ESTÉTICA, ÉTICA E POLÍTICA

Quando a pandemia da Covid-19 começou, em meados de março do ano de 2020, vários questionamentos surgiram, e entre eles um dos que mais

impactou foi com relação à economia, ficando ainda mais árdua a sobrevivência para a maioria das famílias brasileiras.

Famílias chefiadas por mulheres que residem sozinhas com seus filhos chamou a atenção de sete fotógrafas, que resolveram se juntar para contar algumas histórias de vivências e sobrevivência das mães solo, desenvolvendo então com o apoio do fundo de emergência da *National Geographic Society* para jornalistas o “Projeto Solo: Mães solo vivendo a pandemia no Brasil” (PROJETO SOLO, 2020).

No projeto, foi relatada a história de doze mulheres, que, por diversos motivos, entraram para as estatísticas das mães solo. Dentre as doze mulheres apresentadas no projeto, selecionamos o recorte de cinco para fazermos uma relação destas com as dimensões da competência em informação. Selecionamos então as cinco primeiras que aparecem na lista, no ícone histórias do site do projeto. (PROJETO SOLO, 2020).

Para identificarmos a relação das falas das mulheres com as dimensões da competência em informação, foi realizado uma análise dos conceitos e características das dimensões já apresentado no quadro 5; e, feito isso, realizou-se a associação das falas das mães solo com as respectivas dimensões da competência em informação, conforme nos mostra o quadro 6:

Quadro 6 - Falas das mães solo

MÃES SOLO			
Carla Bianca			
DIMENSÃO TÉCNICA	DIMENSÃO ESTÉTICA	DIMENSÃO ÉTICA	DIMENSÃO POLÍTICA
<i>Durante a pandemia, com as creches fechadas e a filha em casa, Carla se divide em realizar atividades EAD da faculdade de Direito, os cuidados com a filha e as irmãs, dividindo as horas que sobram também com a produção do brechó online que ela administra.</i>	<i>Tem maternidade que você é solo, mas tem com quem contar, tem rede de apoio, financeiro e familiar que você pode ainda se concentrar em você. E tem a minha maternidade que é igual o de várias mulheres, que é aquela de se preocupar todo tempo com responsabilidades.</i>	<i>Faz 8 meses que estou dentro da Umbanda. Foi muito importante pra me fortalecer, pra me redescobrir na minha essência do ser mulher. [...] Isso acabou de certa forma me tornando uma pessoa mais forte, independente.</i>	<i>Ísis cresceu dentro da religião, ela aprendeu sobre solidariedade, sobre amor, sobre afeto, sobre companheirismo e sobre ser luz na vida das pessoas. É o que a gente prega, é o que a gente se dispõe a fazer.</i>

	[...] Na pandemia me senti muito sufocada.			
MÃES SOLO				
Isis Abena				
	DIMENSÃO TÉCNICA	DIMENSÃO ESTÉTICA	DIMENSÃO ÉTICA	DIMENSÃO POLÍTICA
	Além de mãe, sou terapeuta dos aromas, criadora de perfumes botânicos na plataforma de cura Hawa. Hoje, uma empresa familiar, minha e da Ainá. Também pesquiso e integro tecnologias de cura para o corpo-mulher- preta e compartilho minha jornada pessoal de descolonização na @hawa_isisabena.	Como eu sei que tem mãe me vendo diariamente eu quero dizer pra vocês que nós estamos de parabéns! Gente de forma geral não faz ideia do trampo que é para dar conta de alimentar, vestir, banhar, e oferecer cuidados básicos para uma criança. Nem falo de afeto e educação porque aí eu posso me emocionar.	Seguimos, eu e ela, na construção e busca da comunidade que nos acolherá nessa diáspora para minimizar as sequelas do colonialismo e fragmentação das famílias negras...	No início da pandemia, as duas ainda moravam em um apartamento, mas o fato de estarem confinadas em um m², passou a afetar o humor de Ainá e a produtividade de Isis. Isso mudou no meio do ano, quando conseguiram se mudar para uma vila onde Ainá tem espaço, liberdade, amigas e um maior contato com a natureza.
MÃES SOLO				
Luísa Brandão				
	DIMENSÃO TÉCNICA	DIMENSÃO ESTÉTICA	DIMENSÃO ÉTICA	DIMENSÃO POLÍTICA
	Naturóloga, Luisa trabalha como autônoma atendendo pacientes, de maneira online e presencial, fazendo aromaterapia e vendendo frutas desidratadas que colhe com o filho na zona rural de Botucatu, onde moram. Ela, além disso, também cuida de uma pousada.	No início da pandemia eu fiquei sem trabalho nenhum. Pra mim era impossível fazer uma sessão de naturologia online. Com o tempo eu participei de alguns editais, gravei um curso de medicina ayurvédica, comecei a fazer consulta online, a pousada voltou a funcionar... Então eu consigo hoje zerar o meu aluguel com o trabalho da pousada.	Um dos maiores desafios de uma criança sozinha é ser a única referência. Eu nunca sei se o que eu tô fazendo tá certo mesmo, eu não tenho com quem conversar sobre isso. Se eu deveria dar colo nesse momento ou se eu deveria dar uma bronca. É uma responsabilidade muito grande.	Com a pandemia, Luisa começou um esquema de rodízio de famílias com outras duas mães solo, assim, cada dia uma mãe cuida das crianças, permitindo que as outras tenham tempo livre para trabalhar.
MÃES SOLO				
Luísa Molina				

DIMENSÃO TÉCNICA	DIMENSÃO ESTÉTICA	DIMENSÃO ÉTICA	DIMENSÃO POLÍTICA
<i>A possibilidade de ter construído em mim um lugar de fortaleza, um lugar de crescimento. Com muita solidão e é uma solidão que eu sinto ainda praticamente todos os dias. E ela é mesma traiçoeira. Distorce as coisas, me deixa suscetível. É muito difícil estar num lugar de construção autônoma de minha própria força.</i>	<i>Ser mãe solo pra mim é ser mãe, antes de tudo pra mim foi uma experiência de enraizamento no mundo muito visceral, de mudar tudo o que eu conhecia de ser no mundo. Deslocou questões e perspectivas, mudou os pesos e as medidas, inaugurou em mim sentidos de estar no mundo que não tinha antes. E me fez conhecer todos os matizes possíveis.</i>	<i>Sobre o significado de ser mãe solo, a primeira coisa que me vem quando eu penso nisso, não é uma ausência, não é ausência que define minha maternidade solo, não é ausência do pai ou de uma outra pessoa. Não me deixaria definir por isso, não seria nem correto, nem justo. E ser mãe solo pra mim é ser mãe, antes de tudo.</i>	<i>Acompanha desde 2012 o debate público acerca dos direitos territoriais de povos indígenas, tendo atuado em diversas campanhas nesse sentido, publicado artigos em jornais e participado de podcasts sobre o tema.</i>
MÃES SOLO			
Maria Francisca Moreira			
DIMENSÃO TÉCNICA	DIMENSÃO ESTÉTICA	DIMENSÃO ÉTICA	DIMENSÃO POLÍTICA
<i>Eu criei vocês tudinho trabalhando de diarista, mas dignamente. Eu não tenho vergonha de dizer isso, eu criei meus filhos trabalhando de diarista, até o fim de semana, mas hoje eu tô muito feliz que tô na idade que tô né assim e ainda meus filhos ainda tudo criado e ainda tenho força para trabalhar na roça".</i>	<i>Durante a pandemia, ela perdeu seus trabalhos como diarista e está com dificuldades para vender o que produz na terra. Então optou por produzir apenas para a subsistência. O pai dos filhos faz ajudas financeiras esporadicamente, com até no máximo 200 reais por mês. A mãe também manda dinheiro quando pode, mas não passa de 50 reais.</i>	<i>Hoje assim, eu as vezes deito e fico pensando na minha vida, sabe? Por que eu cuidei e vivi pra eles. Eu não vivi pra mim, eu vivi mais pra eles. Hoje, eu falo pra eles, ó, vocês tinham que pensar mais e me ajudar mais, por que não me ajudou muito não. Por que eu dei minha vida pra vocês. Trabalhei minha vida inteira de diarista pra criar vocês, por que o pai sempre foi ausente.</i>	<i>Migrou por diversas ocupações urbanas no DF, "morando de favor" em casas de conhecidos até conseguir comprar seu primeiro barraco quando casou. [...] Viveu em diversos acampamentos do movimento por cerca de sete anos. Até que, há 4 anos, conseguiu se firmar no assentamento que mora hoje.</i>

FONTE: Adaptado de Projeto Solo (2020)

A partir da visualização do quadro 6, podemos compreender que as mães solo, ainda com os percalços e dificuldades de suas existências e tarefas, exercem as dimensões da competência em informação, com base principalmente no aspecto da **resiliência**, sendo esta definida como a

capacidade universal que motiva a pessoa, grupo ou comunidade na prevenção, diminuição ou superação de efeitos nocivos das adversidades, até mesmo superando essas situações e/ou transformando em aspectos positivos. (GROTBERG, 1995). Posto isto, justifica-se a importância do desenvolvimento da competência em informação e de suas dimensões às mães solo, e, sobremaneira, às pessoas/grupos em vulnerabilidade social, propiciando a estas pessoas as habilidades para fatores essenciais, como o desenvolvimento do empoderamento, autonomia e o bem-viver, entre outros.

Nessa esteira de pensamento, Vitorino e Piantola (2020) entendem que “ao tratarmos da competência em informação e do desenvolvimento desta nos indivíduos, há que se fazer referência à realidade na qual estes estão inseridos”, onde “um cidadão competente, seja um estudante, um profissional ou um trabalhador, deve ser capaz de reconhecer suas necessidades de informação, sabe como localizar a informação necessária, identificar o acesso, recuperá-la, avaliá-la, organizá-la e utilizá-la”. (LAU, 2007, p. 8).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos investigar as conexões da vulnerabilidade em informação e da competência em informação das chamadas mães solo. Buscamos, também, alguns elementos que permitem identificar as dimensões da competência em informação nas falas destas mulheres, usando para isto, o conteúdo disponibilizado no “Projeto Solo” relativo às falas da vivência de algumas mães deste grupo, considerado, quanto aos conceitos de vulnerabilidade social, como um grupo vulnerável. Nas falas, foi possível reconhecer a vulnerabilidade em informação, mas também a resiliência destas, mostrando que as pessoas se superam o tempo todo para acessar e buscar informações, confiáveis e relevante para que assim possam se tornar sujeitos protagonistas de sua existência mais participativos em meio da sociedade em que se encontram.

Esperamos que este trabalho possa inspirar, por meio das falas e da associação com a competência em informação e suas dimensões técnica, estética, ética e política a realização de futuras pesquisas sobre as temáticas,

pois se trata de algo importante para a sociedade e as pessoas que vivem situações constantes de vulnerabilidade social.

Que nós, enquanto profissionais da informação, possamos estar à frente de ações sociais, que ajudem nossa sociedade, a comunidade em que estamos inseridos, os mais vulneráveis, pessoas que estão ao nosso redor, para que possamos desenvolver projetos que respeitem e promovam a dignidade em todas as dimensões e assim nos tornemos mais participativos e sejamos agentes de mudança – protagonistas da competência em informação.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DOS NOTÓRIOS E REGISTRADORES DO BRASIL. **Clipping – Em Tempo – AM registra recorde de certidões de nascimento emitidas por mães solo 2021**. Disponível em: <https://www.anoreg.org.br/site/2021/08/09/anoreg-am-amazonas-registra-recorde-de-certidoes-de-nascimento-emitidas-por-maes-solo/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS REGISTRADORES DE PESSOAS NATURAIS (ARPEN BRASIL). **Brasil registra terceiro ano com queda consecutiva nos Reconhecimentos de Paternidade 2021**. 18 ago. 2021. Disponível em: https://arpenbrasil.org.br/press_releases/brasil-registra-terceiro-ano-com-queda-consecutiva-nos-reconhecimentos-de-paternidade/#:~:text=agosto%2018%2C%202021-,Brasil%20registra%20terceiro%20ano%20com%20queda%20consecutiva%20nos%20Reconhecimentos%20de,nome%20da%20m%C3%A3e%20cresceu%202021. Acesso em: 05 set. 2021

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). **Framework for Information Literacy for Higher Education**. Chicago: ALA, 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/issues/infolit/framework1.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

BRASIL. Lei Nº 8.560, de 29 de dezembro de 1992. Regula a investigação de paternidade dos filhos havidos fora do casamento e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 29 de dez. 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8560.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%208.560%2C%20DE%2029,Art. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Atlas da vulnerabilidade social nos municípios brasileiros**. Brasília: Ipea, COSTA, Marco Aurélio. MARGUTI, Bárbara Oliveira (ed.), 2015. 77 p. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=26118. Acesso em: 16 ago. 2021.

BRASIL. Senado Federal. **Congresso lembrará os 100 anos de instituição do Dia das Mães em sessão solene**. 04 maio 2018. Disponível em: Acesso em:

https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:0Si0q_PgrJAJ:https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/05/04/congresso-lembrara-os-100-anos-de-instituicao-do-dia-das-maes-em-sessao-solene+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. 20 set. 2021.

BORGES, Lize. Mãe solteira, não. Mãe solo! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. **Revista Direito e Sexualidade**, v. 1, p. 1-23, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/download/3pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, 2018.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/>

ywYD8gCqRGg6RrNmsYn8WHv/?lang=pt. Acesso em: 20 set. 2021.

CARVALHO, Clarissa. **“Mãe solteira ou mãe solo? Descubra as implicações de cada termo e conheça histórias dessa realidade.”** 2020. Disponível em:

<https://www.oitomeia.com.br/noticias/2020/10/25/maesolteira-ou-mae-solo-descubra-as-implicacoes-de-cada-termo-e-conheca-historiasdessa-realidade/>. Acesso em: 15 set. 2021.

CAVENAGHI, Suzana, ALVES, José Eustáquio Diniz. **Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios**. Rio de Janeiro, 2018. 120 p. Disponível em: https://www.ens.edu.br/arquivos/mulheres-chefes-de-familia-no-brasil-estudo-sobre-seguro-edicao-32_1.pdf. Acesso em: 05 set. 2021.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information Literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.32, n.1, p.23-35, jan./abr. 2003.

Disponível em:

https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3583976/mod_resource/content/1/Dudziak.pdf. Acesso em: 15 set. 2021.

GROTBERG, E. **A guide to promoting resiliense in children: strengthening the human spirit**. The International Resilience Project: Bernard Van Leer Foundation, 1995.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Faróis da sociedade de informação: Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida**. Versão em português do documento Beacons of the Information Society, Alexandria: IFLA Publicações, 2005. Disponível em:

<https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

LAU, Jesús. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. The Hague: IFLA, 2007. Tradução para o português por Regina Célia Baptista Belluzzo, jul. 2008. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/informationliteracy/publications/ifla-guidelinespt.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

MENEZES, Estera Muszkat. **Pesquisa Bibliográfica**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2009.

NEVES, Flávia. VULNERÁVEL. In.: **DICIO: Dicionário de Sinônimos Online**. 7GRAUS, c2017. Disponível em: <https://www.sinonimos.com.br/vulneravel>. Acesso em: 31 ago. 2021.

PAIANO, Gêssica de Souza *et al.* O TEMA “VULNERABILIDADE” NA SCIELO: contribuições para a construção conceitual da vulnerabilidade em informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 81-101, 2017. N. esp. CBBDD 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/817/653>. Acesso em: 15 set. 2021.

PROJETO solo: mães solo vivendo a pandemia no brasil 2020. National Geographic Society, 2020. Disponível em: <https://www.solonatgeo.com/>. Acesso em: 20 set. 2021.

SILVA, Edna Lúcia da, MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: http://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.

VITORINO, Elizete Vieira. A competência em informação e a vulnerabilidade: construindo sentidos à temática da “vulnerabilidade em informação”. **Ciência da Informação**, v. 47 n. 2, p. 71-85, maio/ago. 2018. Disponível em: revista.ibict.br/ciinf/article/download/4187/3794. Acesso em: 15 set. 2021.

VITORINO, Elizete Vieira; DE LUCCA, Djuli Machado (orgs.). **As dimensões da competência em informação**: técnica, estética, ética e política. Porto Velho, RO: EDUFRO, 2020. 240 p. ISBN: 978-65-87539-16-4 (físico) ISBN: 978-65-87539-06-5 (digital). Disponível em: <http://www.edufro.unir.br/uploads/08899242/Capas%206/As%20Dimensoes%20da%20Competencia%20em%20Informacao.pdf>. Acesso em 21 set. 2021.

VITORINO, Elizete Vieira; PIANTOLA, Daniela. **Competência em informação**: conceito, contexto histórico e olhares para a Ciência da Informação. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/212553/E-book%20Compet%3%aancia%20em%20informa%3%a7%3%a3o%2031ago20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 set. 2021.